

Sanjay Subrahmanyam
**Impérios em
Concorrência**
**Histórias Conectadas
nos Séculos XVI e XVII**



Imprensa
de Ciências
Sociais

Imprensa de Ciências Sociais



Instituto de Ciências Sociais
da Universidade de Lisboa

Av. Professor Aníbal de Bettencourt, 9
1600-189 Lisboa – Portugal
Telef. 21 780 47 00 – Fax 21 794 02 74

www.ics.ul.pt/imprensa
imprensa@ics.ul.pt

Instituto de Ciências Sociais – Catalogação na Publicação
SUBRAHMANYAM, Sanjay, 1961 –
Impérios em concorrência : histórias conectadas nos séculos XVI e XVII/
Sanjay Subrahmanyam . – Lisboa : ICS.
Imprensa de Ciências Sociais, 2012
ISBN 978-972-671-300-5
CDU 94(5)



Capa: João Segurado
Composição e paginação: Ana Cristina Carvalho
Revisão: Levi Condinho
Tradução: Marta Amaral
Impressão e acabamento: Manuel Barbosa & Filhos, Lda – Lousa
Depósito legal: 350096/12
1.ª edição: Novembro de 2012

Índice

Prefácio	9
Capítulo 1	
A janela que a Índia era	15
Capítulo 2	
Perspectivas indianas sobre a presença portuguesa na Ásia, 1500-1700	33
Capítulo 3	
Os cronistas europeus e os mogóis	65
Capítulo 4	
O milenarismo do século XVI do Tejo ao Ganges	113
Capítulo 5	
O mundo comercial do oceano Índico ocidental, 1546-1565: uma interpretação política	153
Capítulo 6	
Mogóis e francos numa era de conflito contido	177
Capítulo 7	
O Guzerate mogol e o mundo ibérico na transição de 1580-1581	199
Capítulo 8	
Portugueses, mogóis, e a política do Decão, c. 1600	233
Capítulo 9	
Manila, Malaca e Meliapor: uma viagem dominicana pelas Índias, c. 1600	271

Capítulo 10	
A lenda do sultão Bulaqi e o Estado da Índia (1629-1640)	295
Bibliografia	337
Índice remissivo	361

Prefácio

Ao abordar diferentes processos históricos que ocorrem tanto na Península Ibérica como nos confins do oceano Índico, e ao articular as histórias dos vários impérios que, entre os séculos XVI e XVII, se encontraram e disputaram o espaço euro-asiático, o livro *Impérios em Concorrência. Histórias Conectadas dos Séculos XVI e XVII* conduz-nos pelos meandros de geografias muito amplas.

A formulação de *Connected histories*, ou, em português, histórias conectadas, afirma-se como uma alternativa às histórias comparadas. Ao invés, e como propõe o autor, as histórias conectadas permitem olhar simultaneamente, e de uma outra maneira, para processos históricos que, convencionalmente, pertenceriam a campos de estudos distintos.

Fazer histórias conectadas supõe a existência, contudo, de um conhecimento arquivístico muito vasto, um domínio das línguas nas quais muita desta documentação se encontra, e uma grande consistência metodológica. Ou seja, exige um grau de erudição e sofisticação que não é acessível a todos. Mais a mais sabendo que, desde o *cultural turn*, o historiador deixou de poder fazer história sem dominar as rotinas de construção documental e textual, bem como as políticas de arquivo e de memória – convicção potenciada pelo *archival turn* que se está agora a viver. Ler as fontes produzidas em contextos particulares implica conhecer, por conseguinte, e para além de muitos outros, os contextos de produção dessas mesmas fontes, e as mutações do seu estatuto epistemológico ao longo do tempo.

A singularidade do percurso historiográfico de Sanjay Subrahmanyam caracteriza-se, em parte, pelo virtuosismo com que esgrime um conjunto invejável de arquivos e fontes, línguas e historiografias.

Por exemplo, Subrahmanyam trabalha de forma igualmente fácil os arquivos e as fontes portuguesas, e os arquivos e as fontes indo-persas, o que lhe permite, para um mesmo tema, oferecer perspectivas, por vezes, profundamente distintas – e verdadeiramente simétricas como referiu Geoffrey Parker a propósito das virtualidades do *Explorations in Connected Histories* (Oxford, 2004), o livro a partir do qual Sanjay Subrahmanyam propôs a selecção de textos que aqui se apresenta, especialmente vocacionada para os públicos de língua portuguesa. De acordo com Parker, alcançar esta simetria é extremamente raro entre aqueles que procuram entender os encontros entre diferentes culturas, feito alcançado na escrita historiográfica de Subrahmanyam. Ora, Subrahmanyam não domina só os arquivos persas e portugueses, mas também documentação arquivística indiana (em várias línguas), holandesa, francesa, italiana, inglesa. Por outro lado, trabalha a extensa literatura de viagens produzida por europeus e não-europeus, desde diplomatas, a comerciantes mais ou menos insignificantes, sobre as diferentes geografias deste livro. Inscritos num determinado espaço e tempo, os produtores destes textos não possuíam uma visão abrangente do todo, perspectiva que o autor deste livro procura alcançar. A par disso, Sanjay Subrahmanyam tenta sempre colocar as suas teses em relação com os desenvolvimentos mais recentes na historiografia, seja sobre o mundo ibérico e europeu, seja sobre o mundo islâmico e indiano. Essa visão simultaneamente abrangente e minuciosa dos processos políticos, sociais e culturais dos espaços euro-asiáticos durante a época moderna caracteriza, sem dúvida, este livro.

Ao propor uma história verdadeiramente polifónica, Subrahmanyam contribui para democratizar o processo de construção do saber historiográfico. De facto, na sua narrativa dá igual relevo a múltiplas etnografias (às etnografias produzidas pelos europeus sobre os asiáticos, e o seu inverso), a múltiplas vozes (vozes de religiosos, dominicanos ou jesuítas, vozes de oficiais laicos, directamente envolvidos nos processos político-administrativos dos seus impérios, como as de João de Barros ou Abu'l Fazl, ou as do sultão Bulaqi e do vice-rei D. Francisco da Gama), e às múltiplas razões e racionalidades dos vários agentes envolvidos na tessitura dos processos históricos sob análise.

Este carácter inclusivo dos recortes metodológicos do autor facilita o estabelecimento de relações entre processos históricos que, de outra forma, não seriam tão visíveis. Assim, tornam-se evidentes

aspectos como o paralelismo dos processos de aculturação que ocorreram durante a época moderna, desde a persianização da Índia, à ocidentalização dos territórios atlânticos, onde hoje se situam os Estados Unidos e o Brasil. Ou a simultaneidade do milenarismo, que atravessou o espaço euro-asiático no século XVI, bem como de problemáticas em torno da construção da identidade individual (temas abordados nos capítulos 4 e 7). Permitindo, ao mesmo tempo, o questionamento de pré-compreensões (como a de que, e ao contrário do mundo ocidental, na Índia da época moderna não existiria uma consciência histórica plasmada em narrativas históricas consistentes), e de periodizações tradicionais (nomeadamente aquelas relacionadas com a emergência da modernidade). A esse respeito, oiça-se o autor: «para além de repensarmos as nossas noções de periodização», as histórias conectadas convidam a «repensar as nossas noções de fronteiras e circuitos, a redesenhar mapas que emergem das problemáticas que pretendemos estudar, em vez de inventarmos problemáticas que encaixem nas cartografias preexistentes» (p. 19).

Dessa forma, Subrahmanyam consegue conciliar perspectivas micro, oferecendo descrições densas de situações inesperadas, com abordagens macro e as suas problemáticas mais gerais, estabelecendo relações significativas entre estes dois ângulos de análise. É o próprio a afirmá-lo: «um dos pontos metodológicos que procurarei demonstrar é que as tensões e as formas de percepção estruturais apenas podem ser lidas a partir da filigrana dos acontecimentos» (p. 193). Longe de ser um puro ginzburgiano (pelo contrário, a crítica a um enfoque excessivamente micro de muita historiografia europeia é explícita, bem como a sua inclinação para perspectivas macro), o mesmo carácter desafiante e inspirador do autor de *O Queijo e os Vermes* perpassa muitos dos textos que constituem este volume, obrigando, a partir das problemáticas emergentes da análise fina de casos, a repensar leituras tradicionais sobre processos históricos, tanto no mundo ocidental (e sobretudo português), como no mundo asiático.

A importância destes casos analisados em detalhe emerge, porém, quando estes são entendidos nas suas diferentes escalas, *i. e.*, enquanto participantes em processos históricos mais vastos, ou cuja duração não se esgota num só momento, num só lugar. Evitar a tentação de congelar determinados encontros «num memorável momento Kodak», dando-lhes um relevo que lhes atribui significados, os quais, quando lidos diacronicamente, mostram ser mutáveis, torna-se, então,

o problema que o historiador deve confrontar quando estuda a presença europeia no Sul da Ásia nos séculos XVI, XVII e início do XVIII.

Focando a lente no caso português, livros como este convidam a repensar vários aspectos da história do império. Esta torna-se, doravante, simultaneamente mais *local* – no sentido de Geertz – e mais geral, enquanto participante em *processos transnacionais* que envolvem múltiplos actores, desde os portugueses do primeiro século XVI, aos Habsburgos e às suas estratégias de construção imperial, até aos otomanos e mogóis, a outros estados asiáticos (caso de Vijayanagar, Bijapur, Achém, etc.) e às suas populações.

Ou seja, a história do império português e das experiências dos portugueses na Ásia passa a ser lida (e deve ser lida) como fazendo plenamente parte dos processos políticos, culturais, e sociais asiáticos. Como relembra o autor, no capítulo dedicado ao mundo comercial do Índico ocidental de meados do século XVI, «a dinâmica do comércio marítimo foi determinada por muitos factores e não apenas pelos portugueses» (p. 176). Num outro lugar, e muito sugestivamente, propõe-se analisar a conjuntura da União Ibérica, os anos 1580 e 1581, a partir do olhar que dela têm os habitantes do Guzerate, sob domínio mogol, em interacção com os portugueses (ver, a esse propósito, o capítulo 7), explicando que esta conjuntura «ibérica», ao ser analisada a partir de uma perspectiva mais geral desafia as leituras dominantes sobre os impactos que a União Ibérica teria tido (ou não) na presença imperial portuguesa no Índico. Desta forma, consegue-se superar a aproximação ao espaço asiático como algo que se torna visível aos olhos do leitor porque os europeus aí se estabeleceram, subalternizando, ainda que inconscientemente, a autonomia dos processos históricos que aí tiveram lugar, apenas apreciados enquanto (ou porque) parte dos processos de expansão e hegemonização ocidental.

Por outras palavras: a história das experiências imperiais portuguesas na Ásia não pode mais ser feita sem contar, simetricamente, com o que as fontes asiáticas produzidas nos séculos XVI e XVII disseram sobre estas mesmas experiências.

Em contrapartida, ao afirmar a necessidade de fazer uma «pré-história» do orientalismo institucionalizado», Subrahmanyam aponta para a presença incontornável dos portugueses e de outros europeus da época moderna num processo cuja emergência é normalmente identificada na segunda metade do século XVIII, e atribuída a William Jones e ao seu grupo, reclamando esse contributo para a história

posterior da presença europeia (sobretudo britânica) no subcontinente indiano.

Ao tornar visível a co-produção de uma multitude de processos históricos cujos impactos foram diferenciados para os diferentes agentes e espaços neles envolvidos, este olhar múltiplo, a partir de distintos ângulos de análise, conduz, necessariamente, a uma desnacionalização das diferentes historiografias. Desde logo, desnacionaliza a própria história da Índia (e mitos como a sua precoce «identidade hindu» são aqui desafiados, mostrando os veios da sua historicidade), mas também obriga, evidentemente, a desnacionalizar a história de Portugal, já que os «feitos» dos portugueses passam a ser situados numa encruzilhada de escalas e de outros «feitos» igualmente relevantes para quem sobre eles discorreu.

Mas se Subrahmanyam privilegia o espaço euro-asiático, subjacente ao seu trabalho está, ao mesmo tempo, «uma agenda comparativista», proclamando a necessidade de, entre outros, aproximar «os estudos da Ásia e os do Novo Mundo na época moderna», para o que tem contribuído sistematicamente o trabalho do seu colega e amigo Serge Gruzinski.

Enfim, olhar todos estes processos de outra maneira, ao revés, ou, para citar Caetano Veloso, pelo «avesso do avesso», torna-se um percurso metodológico com efeitos historiográficos centrais quer no mundo «ocidental», quer no mundo asiático. Olhar as conexões entre estes impérios, e a maneira como se foram moldando mutuamente, obriga a que, doravante, escrever a história dos impérios signifique fazer, ao mesmo tempo, a história de *vários* impérios em *vários* tempos.

Por todas estas razões, este é um livro profundamente inspirador, e a meu ver incontornável para todo aquele que quiser perceber melhor (e estudar melhor) os processos históricos que ocorreram na época moderna e cujos impactos ainda hoje estamos a viver.

Ângela Barreto Xavier
Lisboa, 29 de Março de 2012